

JUDEUS E ARABES DA PENÍNSULA IBÉRICA ENCONTRO DE RELIGIÕES, DIÁLOGO DE CULTURAS

Promovido pelo Centro Nacional de Cultura e Academia Internacional da Cultura Portuguesa, este seminário internacional inscrevia-se na Década Mundial do Desenvolvimento (UNESCO) e no V Centenário da expulsão de Judeus e Árabes da Península Ibérica. Naturalmente seria este colorido local a determinar a temática do simpósio, patrocinado por entidades das esferas políticas, diplomáticas, culturais, académicas (Universidades de Lisboa, Nova de Lisboa, Coimbra e Évora) e religiosas. O convento restaurado da Orada (Monsaraz) foi, por assim dizer, o quartel-general da realização.

Começado com o jantar de 19 de Janeiro de 1993 na Sociedade de Geografia de Lisboa, o seminário prosseguia na Orada com comunicações e debates, antecedidos da inauguração da exposição de pintura «A Ilha dos Amores», de José Rodrigues, e entrecortados de visitas de estudo. O dia 20 deu o tom, centrando intervenções e debates à volta dos temas fundamentais: «Encontro de religiões — um Deus, três culturas», de manhã: «Diálogo de culturas — circulação de conhecimentos científicos e formas artísticas», pela tarde. Já o dia seguinte aliviou a atmosfera intelectual sem sair da cultural: visitas de estudo ao Centro Arqueológico de Mértola, onde a vida e as crenças das antigas sociedades paleocristã e muçulmana vão ressurgindo da terra remexida, e às antigas judiaria e mouraria da cidade-museu de Évora. O dia 22 distribuiu-se entre o encontro com o antigo bairro judeu de Castelo de Vide (manhã) e os testemunhos provenientes dos lugares-memória de Tomar (Sálete da Ponte) e Silves (Rosa Varela Gomes): a vida judaica e muçulmana da actualidade portuguesa deu corpo às apresentações de Ester Mucnik (comunidade israelita), Sheik Munir (comunidade islâmica) e Faranaz Kes-havjee (comunidade ismaelita). O dia 23 foi dedicado ao tema «O Gharb no contexto do Al-Andalus», terminando com um painel aberto ao público — «Judeus e Árabes: a emergência da convergência».

Com risco de ser injusto por omissão de intervenções profundas e felizes, seja-me lícito salientar alguns aspectos. Foi exemplar o trabalho organizativo

do Centro Nacional de Cultura (Helena Vaz da Silva, João Lopes Serrado, Maria Calado e Tomás Vaz da Silva) e do representante da Fundação do Convento da Orada (Rosado Correia), com a eficiência a rivalizar com a simpatia. Destaco os contributos das personalidades estrangeiras (lembro o grego Dimitri Dimitrakos e o polaco Jacek Waosniakoski sobre a tolerância; Michel Abitbol sobre os judeus portugueses no Norte de África). Ouvi com natural agrado os colegas universitários (J. Borges de Macedo, Adriano Moreira, A. Borges Coelho e A. Dias Farinha em História; José Maltez em Filosofia Política) e a brilhante intervenção da jovem Faranaz, calor humano e recorte literário de mãos dadas.

Tive dificuldade em acompanhar certas manifestações de fé (de si profundas, sérias e merecedoras do maior respeito), a resvalar aparentemente para um revivalismo quase folclórico (oração muçulmana diante da igreja/antiga mesquita de Mértola, salmo hebraico cantado numa praça de Castelo de Vide). Ainda bem que a Prof. Maria José Ferro Tavares apelou para o contra-senso de os cristãos, maioritários na sua terra, passarem quase envergonhados ao lado das outras crenças e culturas do Portugal de outrora. E remediou-se a anomalia com oração autêntica aberta a todos os participantes: versículos do Alcorão, *Paternoster* no internacional latim, rematando com a bênção hebraica.

Se as intervenções e os debates foram de grande elevação (esqueço o atropelo à história numa intervenção muçulmana, como se a Península Ibérica «pedisse» a invasão «redentora» de 711, e queixumes menores de falta de espaço e apreço por esta ou aquela crença/cultura) o convívio humano e científico foi enormemente enriquecedor. Desde o longínquo ano lectivo de Jerusalém (1963-1964) que não me envolvia tanto calor humano de irmãos judeus e muçulmanos. A juventude propecta de Sam Levy poderia ficar por emblema.

Cumpriu-se o objectivo anunciado: «Na década em que se comemoram os 500 anos da expulsão de Muçulmanos e Judeus da Península Ibérica, meditar sobre as heranças que perduraram muito para além do momento histórico preciso em que os cristãos, judeus e mouros coexistiram e conviveram no mesmo território é não só um acto simbólico, mas sobretudo uma nova forma de olhar a história a partir da problemática das referências e das sensibilidades contemporâneas. Reunir um conjunto de cerca de 50 especialistas de várias áreas científicas e geográficas — académicos, investigadores, artistas, jornalistas — para reflectirem conjuntamente sobre esta temática é o objectivo deste encontro que se desenrola em cenários espaços-memória particularmente simbólicos.»

J.N.C.